



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

NAYARA DAMASCENO DA SILVA

**ROTA MARITIMA DO ÚLTIMO NAVIO NEGREIRO: AS CARTAS DE
FRADIQUE MENDES**

Porto Nacional/TO

2023

NAYARA DAMASCENO DA SILVA

**ROTA MARITIMA DO ÚLTIMO NAVIO NEGREIRO: AS CARTAS DE
FRADIQUE MENDES**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT),
Campus Universitário de Porto Nacional para obtenção do título
de bacharel/licenciado em Língua Portuguesa e suas respectivas
literaturas

Orientador(a): Lyanna Costa Carvalho

Porto Nacional, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586r Silva, Nayara Damasceno da .
Rota marítima do último navio negreiro: as cartas de Fradique Mendes . /
Nayara Damasceno da Silva. – Porto Nacional, TO, 2023.
25 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e
Literaturas, 2023.

Orientadora : Lyanna Carvalho Costa

1. Diáspora. 2. Atlântico. 3. Racismo. 4. Tráfico negreiro. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FOLHA DE APROVAÇÃO
NAYARA DAMASCENO DA SILVA

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas foi avaliado para a obtenção do título de licenciatura e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

Prof. Dra Lyanna Carvalho Costa , UFT

Prof. Me Maria da Glória Castro, UFT

Prof. Dra. Viviane Cristina Oliveira, UFT

Porto Nacional, 2022

Estou na vida como numa varanda. Vejo na rua passarem as pessoas com as suas tragédias íntimas. Vejo-as nascer e morrer. Nestas terras ácidas a natureza conspira contra nós. Um homem morre, desaparece, e logo a sua obra inteira se corrói e se corrompe e se desfaz. Os palácios de hoje amanhã serão ruínas. Uma panela de sopa, deixada ao ar, fermenta numa única noite. Os fungos crescem nos armários como plantas malignas e se os deixarmos ocupam inteiramente os quartos e as casas. A própria memória rapidamente se dissolve. Creio que aqui já ninguém se recorda de como morreu o velho Arcénio de Carpo, e muito menos se lembram de Fradique Mendes. A mim chamam-me a brasileira e os mais novos acreditam realmente que eu nasci no Brasil. Também por isso lhe entrego estas cartas. Disponha delas como entender.

José Eduardo Agualusa

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que jamais soltou minha mão diante das adversidades. Durante toda minha trajetória seja na vida acadêmica ou secular me ajudou a conquistar incríveis vitórias.

À minha mãe e seu esposo, que foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Não tenho palavras para agradecer por tudo que me foi concedido através de vocês.

Aos meus irmãos Wanny, Victor, Odilon Júnior e Lohanny, que sempre me incentivaram a não desistir com palavras e ações. A minha caminhada não seria a mesma sem o apoio e amor de vocês.

Às minhas sobrinhas Anna e Antonella. É emocionante poder participar do crescimento de vocês duas, encerro esse ciclo com a certeza de que tudo que fiz é para que vocês possam se inspirar e saberem que podem conquistar todos os espaços. Anna, você é o maior exemplo do mais sublime amor que existe em mim.

Agradeço a minha orientadora Lyanna, que teve muita habilidade em entender meu processo. Sem você eu não teria chegado até aqui, me sinto grata por nossos caminhos terem se cruzado na Universidade Federal do Tocantins.

Aos meus amigos Euclides, Neilon, Jhorrana, Beatriz, Domingos Leandro Clevson e Homero, por sempre estarem dispostos a me ouvir e fazer entender os processos da vida.

Ao meu namorado André, que não mede esforços em me ajudar a conquistar meus sonhos, que sempre entendeu meus momentos e me ouviu quando preciso de conselhos para prosseguir.

As amigas que a Universidade Federal me deu: Patrícia, Sabrina, Yury, Jardeane e Williane. Com vocês as aulas, trabalhos e seminários se tornavam mais leves.

Por fim, dedico esse trabalho à minha vó, dona Iracema, parte do que sou vem de tudo que ela me ensinou.

RESUMO

Considerando a importância da literatura para a reescrita das histórias e memórias dos povos colonizados, neste trabalho estudamos o livro *Nação Crioula*, de José Eduardo Agualusa, com o intuito de analisar a história do tráfico negreiro de Angola para o Brasil. Procuramos observar as cartas do personagem Fradique Mendes pensando os impactos do colonialismo em nossa sociedade atual, a fim de trazer reflexões a respeito das lacunas das histórias contadas por aqueles que sempre estiveram no poder e da violência que atravessa a construção das identidades dos povos africanos. A partir do enfoque da Literatura Comparada, aproximaremos a obra literária do contexto histórico do momento da narrativa e do nosso, a fim de compreender os processos colonizadores e as relações de poder que foram fortalecidas desde o período colonial e a construção das identidades das pessoas que fizeram o trânsito forçado pelo Atlântico. Para isso, dialogaremos com os Estudos Pós-coloniais, principalmente com as reflexões sobre a metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon, e a diáspora, de Paul Gilroy. Nosso objetivo é contribuir para que os processos colonizadores ainda tão presentes em nosso contexto atual sejam revistos e enfraquecidos.

Palavras-chave: Diáspora, Atlântico, Racismo, Tráfico negreiro.

ABSTRACT

Considering the importance of literature for the rewriting of histories and memories of colonized peoples, in this work we study the book *Nação Crioula* by José Eduardo Agualusa in order to analyze the history of the slave trade from Angola to Brazil. We try to observe Fradique Mendes' letters thinking about the impacts of colonialism in our current society in order to bring reflections about the gaps in the stories told by those who have always been in power and about the violence that goes through the construction of the identities of African people. From the focus of Comparative Literature we approach the literary work closer to the historical context at the time of the narrative and to our own, in order to understand the colonizing processes and the power relations that have been strengthened since the colonial period and the construction of the identities of the people who made the forced transit across the Atlantic. To this end, we will dialogue with Postcolonial Studies, especially Linda Hutcheon's reflections on historiographical metafiction and Paul Gilroy's diaspora. Our objective is to contribute so that the colonizing processes still so present in our current context may be reviewed and weakened.

Keywords: Diaspora, Atlantic, Racism, Slave trade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	LITERATURA E HISTÓRIA EM <i>NAÇÃO CRIOLA</i>	13
2.1	NAÇÃO CRIOLA E A REVISÃO HISTÓRICA.....	13
3	O ATLÂNTICO E AS IDENTIDADES DIÁSPORICAS.....	18
4	ESCRAVOS E ESCRAVOCRATAS: O CASO DE ANA OLÍMPIA E GABRIELA.....	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Nação Crioula é um romance epistolar escrito por José Eduardo Agualusa no ano de 1997. O enredo conta a história de Carlos Fradique Mendes, um português intelectual viajante. O personagem principal começa a documentar suas viagens através de cartas endereçadas a sua madrinha Madame Jouarre, seu amigo Eça de Queirós e sua amada Ana Olímpia. O romance conta com 26 cartas, das quais Mendes escreve 25 narrando os acontecimentos sobre seu ponto de vista, a última carta é escrita por Ana Olímpia contando a sua história a Eça de Queirós.

José Eduardo Agualusa é um jornalista nascido em 13 de dezembro de 1960 em Huambo, província de Angola. O autor possui ascendência portuguesa e brasileira. Iniciou sua carreira como escritor ainda nos jornais como cronista no jornal português *Público*, onde assinava uma coluna quinzenal.

Nação Crioula foi escrito em 1997 através de uma bolsa de iniciação literária ofertada pelo Centro de Nacional de Cultura. Além de *Nação*, o autor já escreveu diversos romances, crônicas e contos infantis, muitos deles premiados, como no caso do prêmio de Revelação Sonangol concedido a seu primeiro romance, *A Conjura*, escrito em 1989. Com *Nação*, alcançou o Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco da associação Portuguesa de escritores.

O livro *Nação Crioula* tem como personagem principal Fradique Mendes, criado pelos autores portugueses Eça de Queirós, Antero Quental e Jaime Batalha Reis. O intuito dessa criação coletiva era manifestar os pensamentos daquela geração a respeito dos acontecimentos em Portugal, tais como a corrupção de alguns setores da sociedade, a falta de igualdade entre os mais pobres e mais ricos, a decadência da moeda do país e o descaso da monarquia com esses acontecimentos turbulentos. Fradique é apresentado ao público em 1867 no jornal *Revolução de Setembro*. Em agosto de 1969, Fradique assina e publica textos de sua autoria onde tece duras críticas à sociedade portuguesa da época.

Em 1900, Eça de Queirós reúne as cartas de Mendes e publica o romance epistolar *A correspondência secreta de Fradique Mendes* (2015), que tinha como algumas de suas reflexões centrais a identidade portuguesa da época em que o romance foi escrito. Na narrativa queirosiana, Fradique é um homem culto que viaja o mundo e envia cartas endereçadas aos mais diversos personagens, muitos deles fictícios e outros reais.

Em 1997, José Eduardo Agualusa escreve *Nação Crioula* e, na narrativa, o autor busca preencher os hiatos das viagens de Fradique que se iniciam na África. O enfoque da obra é a reflexão dos processos de criação das identidades no contexto da escravidão, principalmente no trânsito atlântico entre a tríade Portugal, Angola e Brasil. Durante cada acontecimento narrado em suas cartas, o autor mostra que existem culturas, costumes e religiões diferentes daqueles impostos pela monarquia portuguesa, evidenciando que há um apagamento de outras formas de ser e estar no mundo.

Fradique, em conversa com Arcénio de Carpo, afirma que “Aquilo que os europeus desconhecem é porque não pode existir” (AGUALUSA, 2001, p. 17).

Os costumes de Portugal eram diferentes dos de suas colônias, então tudo aquilo que era diferente da cultura europeia tornava-se estranho aos olhos dos portugueses que se sentiam superiores a qualquer outra pessoa com outra etnia.

O romance epistolar é conhecido por ter uma narrativa através de cartas e memórias, a história é contada pelo ponto de vista do narrador ou por mais poucos personagens autores das cartas. Especula-se que os romances epistolares nasceram no século 18 com intuito de trazer mais realidade ao enredo. *Nação Crioula* é um romance epistolar, os fatos são contados pelo personagem principal através de 25 cartas que ele endereça para os personagens citados acima. No entanto, a última carta escrita por Ana Olímpia dá voz a uma personagem feminina e ex-escrava, fechando assim o romance com 26 cartas. Além disso, tem como um dos temas principais o processo de abolição dos escravos no Brasil e em Luanda. Por isso, para discuti-lo, procuramos pensar as relações entre literatura e história em sua potência transformadora.

Linda Hutcheon da seguinte forma aproxima as narrativas históricas das *metaficções historiográficas* (HUTCHEON, 1991), como *Nação Crioula*:

A função da reunião entre o historiográfico e o metaficcional em grande parte da ficção contemporânea [...] é conscientizar o leitor sobre a distinção entre os acontecimentos do passado que realmente ocorreu e os fatos por cujo intermédio proporcionamos sentido a esse passado, por cujo intermédio presumimos conhecê-lo. (HUTCHEON, 1991, p. 281).

A obra possibilita ao leitor refletir sobre os acontecimentos em *Nação* e confrontar com a verdade dos fatos históricos. No romance de Agualusa, o personagem principal Fradique Mendes narra os fatos históricos em suas cartas e é através delas que o leitor analisa a narrativa histórica, literária e seus delineamentos.

Para nossa leitura, dialogamos com o prefácio de *Atlântico Negro*, de Paul Gilroy, material também usado para a compreensão de aspectos históricos da narrativa de Agualusa. Logo no prefácio o autor explica o processo de luta do movimento negro brasileiro e sua principal conquista: o reconhecimento do racismo como um aspecto estruturante da sociedade brasileira (GILROY, 2001, p. 9). A ideia de diáspora será fundamental para pensarmos as identidades escravizadas.

Conforme Grada Kilombo (2020), o colonialismo é uma ferida que nunca sara, ou seja, as marcas deixadas pelo colonialismo nunca foram curadas, pois em nossa sociedade há um sistema totalmente patriarcal, sexista e racista. É de suma importância o debate de assuntos pertinentes na obra, tais como o racismo e o sexismo.

Como pesquisadora parto de uma realidade em que o racismo sempre se fez presente, por vezes era nítido o preconceito, e em outras vezes era mais velado, fazendo assim com que o sentimento de rejeição e deslocamento fossem cada vez mais presentes no decorrer da minha trajetória.

Romper com esses paradigmas é essencial e a Literatura Comparada, por seu diálogo com os Estudos Culturais e Pós-coloniais, é a perspectiva que escolhemos para analisar a obra *Nação Crioula*.

2 LITERATURA E HISTÓRIA EM *NAÇÃO CRIOULA*

2.1 Nação Crioula e a revisão histórica

A história escrita por José Eduardo Agualusa contém relatos pessoais a partir da visão do português Fradique Mendes, que, ao chegar em Luanda, se depara com uma condição totalmente distante da que ele conhecia em Portugal. As cartas de Fradique Mendes contam sobre sua viagem à Angola, país dominado pela coroa portuguesa. O romance do autor angolano conversa com questões atuais que fazem parte do nosso cotidiano, tais como o racismo, as diferentes culturas e os romances inter-raciais.

As cartas escritas por Fradique têm relação com o contexto histórico da escravidão e trazem reflexões das relações transculturais e da presença das identidades que foram criadas através dos deslocamentos pelo Atlântico para que o leitor possa repensar as relações sociais e principalmente os impactos da colonização que ainda assolam Angola e Brasil.

Ao conhecer Luanda, Fradique conhece um outro mundo, diferente do que ele conhecia em Portugal. A decadência do lugar, a escravidão e os pensamentos de pessoas bem afortunadas que enriqueceram com a escravidão fizeram com que ele refletisse sobre as condições da escravidão e suas consequências. As cartas são cheias de reflexões acerca dos pensamentos e atitudes de pessoas que ele conhecia e com quem se relacionava na colônia de Portugal.

Olhando a cidade que se erguia fatigada à minha frente pensei que não devia ter trazido o Smith. Vi-o desembarcar, tentando manter o aprumo de Escocês antigo enquanto cavalgava os dois negros, a perna direita no ombro esquerdo de um deles, a perna esquerda no ombro direito do outro. Chegou junto a mim lívido, descomposto, pediu perdão e vomitou. Disse-lhe: Bem-vindo a Portugal! (AGUALUSA, 2001, p. 9)

Ao desembarcar em Luanda, o viajante português se depara com dois negros carregando uma pessoa, o choque daquela cena é o ponto de partida para que o viajante português compreendesse como a escravidão era nociva à humanidade.

Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e úmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comeci a perceber um outro odor, mais sutil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África. (AGUALUSA, 2001, p. 9)

Esse cheiro de decomposição é oriundo dos restos mortais de pessoas que eram jogadas ao mar durante o trajeto forçado para as colônias portuguesas. Há a presença das frutas e produtos exóticos, mas isso não esconde a morte e a violência onde se funda a vida local.

Carlos Fradique Mendes tem como anfitrião Arcénio de Carpo, filho de um casal de atores ambulantes e que se autodenomina capitão, mas que não possui patente. Na carta endereçada à sua

madrinha madame Jouarre, Mendes afirma que a fortuna do anfitrião foi feita “precisamente: comprando e vendendo a triste humanidade” (AGUALUSA, 2001. p. 10). O anfitrião de Mendes é, pois, um negro que escraviza outros negros e valoriza acima de tudo a cultura europeia, mesmo que ele seja angolano e saiba das mazelas que a escravidão trouxe para seu país. O caráter híbrido de Carpo mostra como os pensamentos colonizadores são complexos, pois por muitas vezes mesmo a pessoa sendo vítima ela defendia seu opressor e seus mecanismos de violência e poder.

Carpo é o anfitrião de Mendes e ao mostrar sua casa e seu amplo quintal ele tem a primeira constatação do quão violenta é a escravidão.

A seguir mostrou-me o resto da casa, incluindo o quintal, largo e fundo, que está em parte ocupado com as habitações dos escravos e com armazéns cheios de marfim, de borracha e de cera. Presas aos altos muros vêem-se cadeias de ferro e no centro do pátio existe mesmo um pelourinho que o coronel garante nunca ter utilizado. Ainda há pouco tempo, porém, este mesmo espaço servia para engordar negros trazidos do interior e em trânsito para o Brasil. Já compreendeu, querida madrinha, como fez fortuna o senhor Arcênio de Carpo? Precisamente: comprando e vendendo a triste humanidade (AGUALUSA, 2001 p. 10)

Estima-se que a partir de 1482 os primeiros portugueses estabeleceram-se no continente africano, mas somente a partir de 1910 institucionalizou-se o domínio imperialista em Angola, submetendo os nativos a trabalhos forçados, dominando os cargos políticos e fazendo reis e rainhas prisioneiros e escravos.

Com o domínio imperialista em terras africanas, Portugal transformou-se no primeiro país europeu a praticar o transporte de pessoas escravizadas. Estima-se que cerca de 4,8 milhões de africanos cruzaram o Atlântico rumo ao Brasil em situação deplorável nos porões dos navios negreiros.

Na segunda metade do século XVII, a Inglaterra inicia o processo de industrialização e passou a pressionar outros países como a Angola e o Brasil para que ocorresse a libertação dos escravos, os interesses não eram humanitários mas tratava-se de um interesse intensamente capitalista, pois com a revolução industrial era necessária a abolição para que a economia crescesse através da industrialização.

O tráfico negreiro teve seu término oficial em 1850 com a lei Eusébio de Queiróz, que proibia o tráfico de africanos para o Brasil, lembrando que a lei foi sancionada após muita pressão dos ingleses para que os fins dos deslocamentos de pessoas escravizadas ocorressem. Sobre isso, a obra traz uma leitura crítica sobre a pressão inglesa:

América inglesa está superpovoada. Todos os anos chegam milhões de agricultores europeus aos estados do interior. Assim é fácil ser humanista e gritar contra o tráfico. Mas o Brasil, onde o número de colonos europeus é muito reduzido, depende inteiramente dos escravos. Se o tráfico acabar, a agricultura brasileira entra em colapso. Ao mesmo tempo a Inglaterra pretende arruinar as elites que amanhã poderiam governar Angola, e a prova provada de tal aleivosia é que a armada britânica não se limita a apresar e afundar os navios negreiros - tem feito o mesmo a embarcações carregadas com diversos gêneros de troca. (AGUALUSA, 2001, p. 10).

Fradique denuncia que o real interesse da Inglaterra em acabar com o tráfico negreiro é totalmente capitalista, pois o país já caminhava rumo ao capitalismo burguês, que tinha como intuito deter o poder e os meios de produção da sociedade. Esse modelo de capitalismo era diferente do que era praticado no Brasil, que era escravista, agrário e oligárquico. A intenção não era humanitária, pelo contrário, os ingleses afundavam navios negreiros com milhares de pessoas em prol da causa liberal em que acreditavam.

Durante todo o enredo podemos observar as ligações que Mendes faz com nossa realidade. Personagens como José do Patrocínio e Joaquim Nabuco são personagens reais e que tiveram grande participação no processo abolicionista no Brasil. José do Patrocínio nasceu em 1853 em Campos, no Rio de Janeiro, e é filho do Padre João Carlos, que não reconhecia sua paternidade com Justina Maria dos Santos, a qual fazia parte das 92 pessoas que Monteiro mantinha escravizadas. Aos 14 anos Patrocínio mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar farmácia e trabalhar. Antes dos 30 anos, tornou-se figura presente na imprensa, que era sua grande paixão, com isso encabeçou a luta pelo abolicionismo. Através de seus textos e suas falas inflamadas que arrastaram multidões em favor da luta pela liberdade ficou conhecido como *tigre do abolicionismo*.

Além da luta de José pela causa abolicionista, há um vasto trabalho literário e sua contribuição para a fundação da Academia Brasileira de Letras, sendo o primeiro ocupante da cadeira de número vinte e um. Assim ele é descrito em *Nação Crioula*:

Conheci assim um jovem jornalista, José do Patrocínio, que me dizem ser o terror dos grandes Senhores de Engenho. Homem de rosto simpático, emoldurado por uma barba macia, os olhos largos, muito doces e francos, cresce e transforma-se quando começa a discursar, e então, inflamado pela própria retórica, lembra um tigre pronto para o salto. O extraordinário vigor das suas palavras e a teatralidade estudada dos seus gestos fazem dele, certamente, um orador perigosíssimo, capaz de incendiar multidões. Politicamente todo ele é Proudhon: A escravidão é um roubo, repete com frequência, entre longas tiradas contra os barões do café e a Santa Madre Igreja. (AGUALUSA, 2001, p. 52)

Outro grande personagem abolicionista que Agualusa cita em *Nação Crioula* é Joaquim Aurélio Barreto Nabuco, que teve grande importância na história da libertação escravocrata no Brasil. Nascido em 19 de agosto de 1849, filho de um importante senador do partido liberal do Brasil, conviveu desde cedo com escravos em sua casa. cursou direito e ainda quando estava na universidade começou a defender escravos das mais diversas acusações de crimes cometidos. Iniciou carreira política e defendia a abolição dos escravos e que nenhum deles pagasse alguma indenização para seus donos devido à perda da mão de obra escrava.

Joaquim Nabuco criou a sociedade anti-escravidão brasileira e o jornal *O Abolicionista*, através do qual lutava pela causa abolicionista e a causa agrária. Foi também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Ele é assim descrito por Fradique:

Tomás foi condenado a prisão perpétua, mas, pelo menos, escapou da forca. E este princípio de legítima defesa, defendido por Nabuco, fez história, passando a ser evocado em julgamentos semelhantes. E porque acredito nele (ainda que não acredite em muito mais) que me juntei àqueles que combatem contra a escravidão. (AGUALUSA, 2001, p. 65)

Agualusa cita ainda outros nomes importantes da causa abolicionista, como Luís Gama e André Rebouças, fazendo assim com que a obra dialogue com a história. Esse diálogo acrescenta fatos e ideias às narrativas históricas oficiais a fim de rememorá-la, revisá-la. O trabalho revisionista da literatura pós-moderna é chamado por Linda Hutcheon, uma teórica canadense especializada em teoria e crítica literária, de metaficção historiográfica.

A metaficção historiográfica busca um entendimento dos romances pós-modernistas a respeito das histórias oficiais que estão presentes nos romances que dialogam com a história.

Conforme Linda Hutcheon (1991, p. 141):

É essa mesma separação entre o literário e o histórico que hoje se contesta na teoria e na arte pós-modernas, e as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas têm em comum do que em suas diferenças.[...] as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa.

De acordo com Linda Hutcheon, a metaficção pretende que o leitor participe da produção e da recepção do texto como produto cultural, e permite que o leitor adentre na história e construa uma autoconsciência sobre determinado tema.

Linda ainda afirma que o pós-modernismo questiona o humanismo liberal, e é criado por pilares como “autonomia, transcendência, continuidade, homogeneidade, exclusividade e origem” (HUTCHEON, 1991, p. 84). Devido a esses questionamentos dos pilares pós-modernistas, a teórica afirma a importância dos “ex-cêntricos”, que são as minorias que sempre viveram e vivem à margem e fora do centro. O delineamento dessa perspectiva é que a nossa cultura não pode ser compreendida somente pelas tendências homogeneizadoras.

Ao trazer o foco para as minorias, Hutcheon comprova a importância de resgatar as histórias desses povos que sempre viveram fora do centro. É de suma importância a valorização das histórias das minorias, sobretudo dos negros e das mulheres que desde o período colonial tiveram suas vozes silenciadas. A maioria numérica em nossa sociedade é desproporcional e os espaços de poder são em sua maioria ocupados por homens brancos, fomentando, assim, o patriarcado branco e o racismo estrutural.

A preocupação da literatura com a revisão histórica é de grande importância em um contexto que até os dias de hoje revela a violência da colonização.

Os processos de emancipação política dos países africanos ocorreram somente na pós-modernidade e a grande maioria desses países tem menos de 100 anos de independência. A emancipação foi conquistada através de violentas lutas, que se estenderam por anos e décadas. Gana foi o primeiro país a conseguir sua independência em 1947, seguido do Sudão em 1956 que era de domínio dos britânicos e egípcios. Os processos de emancipações dos países africanos seguiram-se com revoltas e prisões de importantes pessoas do movimento. As colônias portuguesas Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde, Angola e São Tomé travaram uma batalha contra o domínio do regime ditatorial português conhecido como Estado Novo, que era comandado por António Salazar e tinha caráter fascista.

Em Angola não foi diferente. Para conseguir sua emancipação foram 13 anos de combates, que iniciaram em meados de 1961 e foi até 1974 com o fim do Estado Novo. Mesmo conquistado sua independência em 11 de novembro de 1975, o país enfrentou uma guerra civil que durou 27 anos e custou mais de 500 mil mortos. Ainda nos dias de hoje, assim como na maioria dos países africanos, a Angola enfrenta diversas mazelas sociais, como escândalos de corrupção, pobreza, dependência externa, falta de acesso à educação e saneamento básico, e uma série de problemas estruturais fundados na colonização e na escravidão.

Assim, *Nação* é considerado um romance metaficcional historiográfico, pois contém recortes que busca fazer uma revisão e resgate de histórias que foram silenciadas e apagadas no decorrer da história. Através dessa revisão historiográfica que é feita através da literatura é possível trazer novas reflexões sobre processo de abolição em Angola e posteriormente no Brasil. Para fazer esse processo de revisão histórica, *Nação Crioula* se volta para o trânsito no Atlântico, onde as culturas, pensamentos, vertentes políticas e religiosas encontram-se e ganham novos sentidos.

3 O Atlântico e as identidades diaspóricas

Para entender o Brasil contemporâneo é necessária a compreensão da diáspora negra e suas nuances. Com esses deslocamentos forçados e violentos através dos navios negreiros, houve o fortalecimento das culturas modernas e o apagamento de culturas africanas.

Entende-se como diáspora africana o deslocamento forçado dos povos residentes no continente africano, levados para as colônias portuguesas. Ao serem forçados pelos europeus, essas pessoas eram legitimamente tratadas como objetos, e ao atravessarem o Atlântico eram forçadas ao trabalho nos engenhos de cana-de-açúcar, principalmente na região do Nordeste do Brasil.

Com o deslocamento muitas pessoas nutriam o sentimento de perda, pois estavam deixando para trás tudo aquilo que conheciam e pertenciam. O trânsito forçado foi concludente para que as identidades fossem criadas, tornando-as mais fluídas, já que foram reconfiguradas devido a mistura de culturas, religiões e modos de vida, a partir desse conceito de diáspora foi criado identidades transitivas, instáveis e movediças, questionando-se as formas tradicionais de se entender identidade e cultura:

Diria que a discussão contemporânea sobre o conceito de diáspora surge como uma resposta mais ou menos direta aos ganhos trans-locais advindos do movimento Black Power durante a Guerra Fria. Primeiro, ela circulou como parte de um argumento que propunha a reconfiguração da relação entre a África e as populações parcialmente descendentes de africanos do hemisfério ocidental. Sustentada por frutíferas revisões da ideia de libertação nacional, esta iniciativa cada vez mais audaz se dirigiu contra argumentos mais gerais que iluminaram as limitações políticas reveladas pelas formas essencialistas de conceituar a cultura, a identidade e a identificação (GILROY, 2001, p. 17)

Ainda, o trânsito no Atlântico mostra outras formas de identificação e de formação de identidades, construindo uma crítica da nossa cultura moderna. “Os diferentes paradigmas nacionalistas para se pensar a história cultural fracassam quando comparados à formação intercultural e transnacional, a qual chamo Atlântico negro” (GILROY, 2001, p. 26).

É a partir do deslocamento de Fradique pelo Atlântico que essa realidade será compreendida na obra literária. A identidade de Fradique torna-se fluída a partir do momento que ele inicia seus questionamentos a respeito da causa abolicionista nas colônias de Portugal e o tráfico negreiro entre Angola e Brasil. Mendes além disso apaixonou-se por uma ex-escrava. As percepções de Fradique mudam devido a suas experiências em Luanda e o convívio com outras pessoas com os mais diversos costumes. A travessia pelo foi um local de formação de novas culturas e fortalecimento de laços de companheirismo, amizade e resistência.

Nação Crioula traz essa questão que precisa amplamente ser discutida: os deslocamentos forçados dos povos africanos e o apagamento da contribuição deles na construção de uma identidade do povo brasileiro. Fradique narra em uma das suas cartas endereçadas a Eça de Queirós a importância do negro na construção do Brasil, mas para chegar a tal constatação as relações transculturais com

outras pessoas romperam os padrões europeus que ele muito conhecia: “Enfim, do norte ao sul, ou, como aqui se diz, do Oiapoque ao Chuí, os negros carregam o Brasil. Nas cidades nada se move sem eles, nada se faz ou constrói, e nos campos coisa alguma se cultiva sem a sua força.” (AGUALUSA, 2001, p. 48).

Os povos originários do continente africano contribuíram para construção do Brasil em várias vertentes, tais como cultura, língua, religião e economia. Os conhecimentos desses povos fizeram com que se tornassem importantes para os serviços braçais e funcionamento das fazendas dos seus senhores. Em todo território brasileiro havia africanos trabalhando na construção do Brasil, primeiramente nas plantações e colheitas de algodão e cana-de-açúcar, posteriormente nas minas de ouro e pedras preciosas. O trabalho braçal ia além das plantações ou minas, a construção de estradas, igrejas e casas eram feitas pelos escravos. O Brasil foi construído pelos negros, contribuindo assim com o enriquecimento dos donos dessas pessoas e posteriormente pela coroa portuguesa, tornando a monarquia cada vez mais forte. A cultura, a língua e os costumes estão atrelados à construção do Brasil, fazendo assim com que a identidade do nosso povo seja híbrida, heterogênea.

A narrativa de *Nação Crioula* gira em torno do último navio negreiro que saiu de Angola rumo ao Brasil. Os navios levavam pessoas, modos de vida, culturas, línguas e relações políticas. Gilroy escreve sobre esses deslocamentos e a figura do navio nesse processo:

A imagem do navio – um sistema vivo, microcultural e micropolítico em movimento – é particularmente importante por razões históricas e teóricas que espero se tornarem mais claras a seguir. Os navios imediatamente concentram a atenção na Middle Passage, nos vários projetos de retorno redentor para uma terra natal africana, na circulação de idéias e ativistas, bem como no movimento de artefatos culturais e políticos chaves: panfletos, livros, registros fotográficos e coros. (GILROY, 2001, p. 38)

As relações transculturais em *Nação* são importantes para a reflexão sobre as presenças de outras identidades que foram criadas devido aos deslocamentos forçados.

Uma dessas formas de identificação, por exemplo, é possível através da literatura. Fradique Mendes também cita em uma carta Castro Alves, que ficou conhecido como o *poeta dos escravos* pois grande parte de suas canções e seus poemas eram uma denúncia contra o tráfico de escravos. Durante a sua fuga para o Brasil com Ana Olímpia ele ouve alguns versos de uma canção de Alves, e, para seu espanto, era um escravo que cantava tais versos.

Impressionou-me também nesta estranha viagem um episódio que não resisto a contar-lhe: uma noite um dos marinheiros, moço de voz quente, começou a cantar, acompanhado à viola, uma moda triste, na qual julguei reconhecer, espantado, alguns versos de Castro Alves (AGUALUSA, 2001, p. 40)

Agualusa cita Castro Alves, que ficou conhecido como o “poeta dos escravos” pois seus poemas defendiam a abolição dos escravos. O autor o cita em forma de homenagem, como no caso dos abolicionistas José do Patrocínio, Joaquim Nabuco e Luís Gama, que tiveram grande influência na luta abolicionista no Brasil, e que são trazidos à história em tom elogioso.

Argumentei que não era uma canção qualquer, pois os versos haviam sido escritos por um dos maiores poetas do Brasil em protesto ao tráfico negreiro. O marinheiro olhou para mim desconfiado: “É só uma canção, insistiu, eu de política não entendo nada” (AGUALUSA, 2001, p. 40)

Para Paul Gilroy, há uma necessidade de reescrever as histórias de fundações desde baixo, pelo olhar e experiências dos escravizados que passaram pelo Atlântico e tiveram suas vidas mudadas, seja pelo recomeço ou o fim.

Durante a viagem pelo Atlântico Negro havia uma troca de experiências e culturas, já que havia negros de diversos lugares do continente africano. No prefácio do livro *Atlântico Negro*, o escritor afirma que “o mar e à vida marítima, que se movimenta e que cruza o oceano Atlântico, fazendo surgir culturas planetárias mais fluidas e menos fixas” (AGUALUSA, 2001, p. 14.).

Durante sua fuga para o Brasil, Fradique e Ana cruzaram com histórias. Algumas considerava estranhas e outras a surpreendia, como o jovem marinheiro que entoou alguns versos tristes de Castro Alves.

Em todo o contexto de diáspora negra o deslocamento forçado de um povo é feito pelo mar, é através dele que as histórias se cruzam e por muitas vezes chegam ao fim. Em culturas africanas tais como angolana e congoleza o mar tem como nome Calunga e na esfera espiritual representa a morte/inferno.

Muita gente não compreende porque é que os escravos, na sua maioria, se conformam com a sua condição uma vez chegados à América ou ao Brasil. Eu também não compreendia. Hoje compreendo. No navio em que fugimos de Angola, o Nação Crioula, conheci um velho que afirmava ter sido amigo de meu pai. Ele recordou-me que na nossa língua (e em quase todas as outras línguas da África Ocidental) o mar tem o mesmo nome que a morte: Calunga. Para a maior parte dos escravos, portanto, aquela jornada era uma passagem através da morte. A vida que deixavam em África, era a Vida; a que encontravam na América ou no Brasil, um renascimento. (AGUALUSA, 2001, p. 84)

O mar tinha uma representividade para quem transitava por ele, o recomeço. Seja através da morte ou em recomeçar a vida em outro continente. Nas culturas africanas a morte não representa o fim, mas a coroação para que a pessoa possa ser considerada um ancestral. A representação do mar em *Nação* é violento e cheio de incertezas, pois, o trânsito é forçado. Na citação acima Fradique afirma que compreende o motivo de muitos se conformarem, para o europeu os recomeços em terras americanas significavam que o antigo eu era morto, já que uma nova vida se iniciavam e a partir daí uma nova identidade seria formada.

Apesar da compreensão de Mendes ser o recomeço, o trânsito pelo atlântico negro representa para essas pessoas uma violação do modo de vida que cada um levava, ao serem forçados a saírem de seus lares rumo a outro continente para exercer um trabalho forçado, muitos deles preferem a morte ao terem que viver longe da sua terra. Calunga então é o fim, seja ele através da morte ou o recomeço de uma jornada desconhecida para esses povos africanos.

4 ESCRAVAS E ESCRAVOCRATAS: O CASO DE ANA OLÍMPIA E GABRIELA

Em *Nação* conhecemos a história de Ana Olímpia, uma personagem escrava que vem de uma linhagem real. Seu pai era um príncipe que tinha uma vida próspera com suas três esposas. Após a invasão dos europeus na África toda sua família foi escravizada. Ana nasceu escravizada na casa do homem que seria seu marido, Victorio Vaz de Caminha.

Victorio Vaz de Caminha nasceu na Bahia, mas, após a proclamação da independência do Brasil, decidiu continuar em terras luandenses, onde construiu sua riqueza. Era dono de três navios negreiros e batizou-os como Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Victorio tinha ideais dúbios, ora era a favor da escravidão e em outro momento a favor da revolução libertária. Aos setenta e sete anos de idade casou-se com sua escrava Ana, que tinha apenas 14 anos de idade e escandalizou a sociedade luandense.

Ao tornar-se esposa de Victorio aos quatorze anos de idade, a bela jovem passa a ter uma educação baseada nos princípios europeus, sua vida passou a ser cheia de luxo e alegrias, já que havia se tornado esposa de um dos homens mais afortunados de Angola.

Enquanto escravocrata fez grande fortuna, tornando-se muito respeitado no país. Enquanto anarquista assinou uma meia dúzia de panfletos anti-clericais e depois casou-se na Igreja de Nossa Senhora do Carmo com Ana Olímpia, que na altura tinha apenas catorze anos e era (ou tinha sido) sua escrava. A cerimônia, de um luxo deliberado, dividiu entre a cólera e o assombro a pequena sociedade luandense. O padre Nicolau dos Anjos ainda hoje se sobressalta ao recordar o caso: “Victorino Vaz de Caminha era o próprio Satanás” disse-me em Benguela. “Montou aquele espectáculo dispendioso com o único objectivo de ridicularizar a Igreja e troçar da sociedade.” Eu acredito que o tenha feito por amor. (AGUALUSA, 2001, p. 22).

Mesmo casando com um dos homens mais ricos de Angola, tornando-se uma mulher culta e poderosa, Ana não era livre. Seu marido, por negligência ou qualquer outra motivação não lhe deu sua carta de alforria tendo Ana Olímpia sempre em seu poder, pois apesar de ser casada com um homem poderoso não podia usufruir dos prazeres da liberdade, as atitudes de Victorio fazem com que a jovem continuasse na condição de objeto, reforçando, assim, sua relação de poder perante a esposa.

Ainda assim, Fradique acreditava Victorio ao casar-se com Ana foi por amor, a visão de Mendes é diferente da sociedade de Luanda, pois era inadmissível que um homem tão rico e poderoso casasse com uma escrava. Contudo, Fradique acredita que o amor era presente no relacionamento de Ana e Victorio.

Ana foi tratada como um objeto, já que o seu marido acompanhou toda sua trajetória de vida e posteriormente casou-se com ela. As relações de violência e poder que foram impostas pela

colonização trouxeram o estupro e a exploração sexual das mulheres negras como mais uma forma de opressão.

A colonização plantou como modelo familiar o patriarcado e colocou a mulher como um objeto, um indivíduo sem voz. A relação de poder do homem sobre a mulher é baseada sobretudo com a violência para que tenham total controle sobre as mulheres. Para Bell Hooks “o patriarcado é o poder que os homens usam para dominar as mulheres, este não é um privilégio das classes altas e médias e dos homens brancos, mas o privilégio de todos os homens na sociedade sem olhar a classe ou a raça.” (HOOKS, 1981, p. 64)

A relações de poder tornaram-se mais fortes ainda no período de colonial, com o sistema patriarcal, em que o homem era o chefe da família e detentor de tudo e o mais importante membro da família. Com isso, as mulheres deviam curva-se as vontades dos homens, sobretudo as mulheres negras que devido essa relação de poder tinham seus corpos violados, abusados e maltratados por homens que eram seus donos.

Com uma educação de qualidade, Ana surpreendia a todos pela sua erudição e capacidade de conversar sobre os mais diversos assuntos. A bela angolana, além de estudar os mais diversos assuntos filosóficos e literários, estuda e se aprofunda na história do seu povo e da sua descendência real.

Acrescente-se que Ana Olímpia não discute apenas a evolução das espécies ou os últimos acontecimentos na Europa como se sempre tivesse vivido no centro do mundo — estuda com idêntico interesse o passado do seu próprio povo, recolhe lendas e provérbios de variadas nações de Angola, e prepara mesmo um dicionário de português-quimbundu. Uma vez por ano viaja até às províncias do norte, às terras que foram do seu pai, e os sobas e seus macotas aconselham-se com ela. Onde quer que se encontre, a cavalo entre um grupo de caçadores, num salão de festas, ou em casa, rodeada de festivas molecas, a sua presença parece atrair a luz (AGUALUSA, 2001, p. 23)

Conforme a citação, Fradique encantou-se com a inteligência de Ana e o interesse de conhecer a história dos seus antepassados. Ana herdou de Victorio um grande palacete e nele fazia saraus com alguns jovens intelectuais para debaterem os mais diversos assuntos, entre eles a abolição. Ainda que não seja uma mulher livre, a jovem faz parte de movimentos a favor do fim da escravidão, levando assim sua contribuição para a causa abolicionista.

Veja o caso da senhora Ana Olímpia, minha amiga, que sendo princesa por direito, foi escrava, e depois escravocrata, e é hoje uma das vozes mais autorizadas no combate à escravidão. Ela está de visita a Paris. Há uma semana atrás juntaram-se na Sociedade de Geografia dezenas de pessoas para a ouvir falar. Ana Olímpia contou o drama da sua infância, recordou o pai, um rei congolês que durante anos agonizou numa prisão de Luanda; evocou as madrugadas sombrias, quando, na companhia da mãe, assistia ao embarque dos cativos para o Brasil. (AGUALUSA, 1997, p. 64)

Após a morte de Victorio, a jovem sofre um duro golpe, um irmão de seu falecido esposo chega em Luanda com mais cinco escravos negros e um índio. Jesuíno começa a importunar Ana pedindo-lhe dinheiro e posteriormente contraindo dívidas em seu nome. Jesuíno, ao saber que a

esposa do seu irmão não foi alforriada, toma Ana como escrava e a vende para Gabriela Santamarinha, uma mulher que faz as maiores atrocidades com Ana Olímpia.

Fradique ao saber da situação de Ana volta para Angola a fim de dar um basta no sofrimento de sua amada. Os dois conseguem fugir de Luanda e, com ajuda de Carpo, embarcam no último navio negreiro rumo ao Brasil.

A vida de Ana se transforma ao chegar em terras brasileiras, mas o horror do que passou na casa de Gabriela não a fez desistir da causa abolicionista, pelo contrário, Ana foi a Paris em um encontro com intelectuais a favor da causa libertária e contou sua história. Através da sua voz pode contribuir para que a abolição fosse real para as pessoas escravizadas.

Aquilo que de mais interessante aconteceu na minha vida foram as vidas das outras pessoas. Veja o caso da senhora Ana Olímpia, minha amiga, que sendo princesa por direito, foi escrava, e depois escravocrata, e é hoje uma das vozes mais autorizadas no combate à escravidão. Ela está de visita a Paris. Há uma semana atrás juntaram-se na Sociedade de Geografia dezenas de pessoas para a ouvir falar. Ana Olímpia contou o drama da sua infância, recordou o pai, um rei congolês que durante anos agonizou numa prisão de Luanda; evocou as madrugadas sombrias, quando, na companhia da mãe, assistia ao embarque dos cativos para o Brasil. (AGUALUSA, 2001, p. 64)

Contudo, a personalidade de Ana é híbrida, pois, ao mesmo tempo que ela era a favor da abolição da escravatura, ela não libertava seus escravos com a afirmação de que os considerava como sua única família.

Um dia Fradique perguntou-me porque é que eu não libertava os meus escravos. Expliquei-lhe que haviam sido criados comigo, debaixo do mesmo tecto, e que eu me sentia ligada a eles como se fossem da minha própria família (de resto usávamos igual apelido). Citei-lhe a Bíblia: “Pode acontecer que o escravo te diga, 'Não quero deixar-te', porque sentindo-se feliz em tua casa ele se apegou a ti e à tua família; então tomarás uma punção, furar-lhe-ás a orelha junto à porta e será teu escravo para sempre” (Dt 15). (AGUALUSA, 2001, p. 81)

Esse pensamento colonizador ainda é recorrente nos dias atuais, muitos trabalhadores domésticos sofrem as crueldades racistas com seus empregadores e no fim há uma alegação de que nunca os tratariam de maneira diferente pois são considerados como parte da família.

Em contramão dos pensamentos abolicionistas de Ana, conhecemos a personagem Gabriela Santamarinha, que é descrita como uma mulher cruel e feia e que gostava de ser conhecida de tal forma. A jovem deliciava-se com o poder que tinha em suas mãos e por diversas vezes era cruel e violenta com seus escravos.

Já Gabriela Santamarinha goza de justa fama de bruta. Eu próprio a vi, certa vez, castigar uma infeliz criança batendo-lhe nas costas das mãos com uma palmatória, e com tal violência que o sangue saltou manchando o vestido da senhora. A pequena foi então amarrada a um pau, inteiramente despida, e Gabriela marcou-lhe o dorso à chibatada. O seu crime? Havia deixado escapar um dos muitos macaquinhos amestrados com que a pavorosa personagem distrai os convidados (veste-os ricamente: laço, colete e chapéu alto, os machos; panos da costa, as fêmeas, e fá-los depois dançar as modas da terra). (AGUALUSA, 2001, p. 23)

As formas que Gabriela usava para castigar seus escravos deixavam a população de Luanda preocupada com uma possível revolta dos escravos, sobretudo depois dela escravizar uma jovem branca. As características na narrativa de Gabriela são totalmente diferentes de Ana.

Gabriela é vulgarmente apelidada como boca fétida uma referência ao seu abandono, que foi violento e cruel quando era bebê. A jovem foi abandonada quando ainda era recém-nascida em uma latrina, foi criada por um padre galego e herdou seus bens quando ele faleceu. Ao conhecer Fradique, a jovem luandense pergunta se ele não pode vender seu criado branco Smith, já que ela tem preferência em escravos brancos.

Gabriela Santamarinha parecia estar à espera daquele momento. Fez-me uma ligeira vénia e enquanto eu fingia beijar-lhe os dedos cobertos de grossos anéis de ouro cuspiu o veneno: — Soube que viaja sempre na companhia de um escravo inglês — disse, tirando-me o fôlego. — Em minha casa sirvo-me apenas de escravas albinas e disseram-me que no Brasil é possível comprar por bom preço cativas brancas ou quase brancas. Mas ignorava que houvesse ainda escravaria na Europa. Não me vende o seu? (AGUALUSA, 1997, p. 15)

Além de ser considerada como uma mulher feia, os luandenses ainda afirmam que ela continua com o cheiro da latrina onde foi encontrada ainda recém-nascida, reforçando assim o racismo estrutural que estava enraizado na sociedade. “Ao vê-la recordei-me de uns versos do poeta brasileiro Gregório de Matos, descrevendo uma negra crioula: ‘Boca sacada com tal largura / que a dentadura / passeia por ali / desencalmada’” (AGUALUSA, 1997, p. 14)

O abandono de Gabriela pode justificar várias de suas atitudes, o abandono em si tem uma carga de sentimentos ruins e a escravocrata agia de forma violenta devido aos acontecimentos de sua infância. Além disso, a personagem pode ser lida como uma metáfora do sistema de escravidão, já que todos os adjetivos citados pelo autor tornam Gabriela uma mulher intragável. Ela é fétida, podre, atrasada, feia, poderosa e cruel, assim como a escravidão.

As duas mulheres são descritas com adjetivos diferentes. Ana foi a musa de todas as cartas de Fradique Mendes, a jovem teve uma trajetória de vida onde viveu os dois extremos da escravidão, pois, apesar de nascer escrava aos 14 anos, casou-se com Victorio e tornou-se uma senhora dona de um imenso palacete com vários escravos que a serviam, contudo houve uma reviravolta em sua vida e fez com que ela sofresse os horrores da escravidão nas mãos da Gabriela Santamarinha, que se tornou sua dona.

A escravocrata Gabriela é descrita de forma diferente, transformando-se na personificação dos horrores da escravidão. Todos os adjetivos usados para descrevê-la são o oposto dos de Ana, tornando a imagem de Gabriela como a negra raivosa e violenta que tem preferência por escravos brancos. O fim de Gabriela é descrito na última carta escrita por Ana endereçada a Eça de Queirós

Gabriela Boca Maldita, essa, encontrei-a na ruína. Louca, quase sempre embriagada, andava aos gritos pelas ruas. As crianças atiravam-lhe pedras, os cães ladravam à sua passagem. Depois deixei de ter notícias dela, até que há duas semanas o padre Nicolau dos Anjos, de

visita a Luanda, me disse tê-la visto no Dondo, vendendo legumes e ratos assados. (AGUALUSA, 2001, p. 84)

As construções das identidades dessas duas personagens negras carregam vários estigmas, Ana Olímpia vem de uma linhagem real e posteriormente sofreu com os horrores da escravidão, pois Gabriela e seus escravos fizeram de tudo para que Ana sentisse a crueldade delas. Ao fugir para o Brasil, ela começa a se identificar com várias vertentes da cultura brasileiras, mas ainda assim sentia saudade de tudo que ela viveu na Angola.

Quando nasceu Sophia eu já me sentia brasileira; porém, sempre que ouvia alguém cantar os singelos versos do mulato Antônio Gonçalves Dias chorando saudades do Brasil — « Minha terra tem palmeiras / onde canta o sabiá / as aves que aqui gorjeiam / não gorjeiam como lá» —, sempre que isso acontecia era em Angola que eu pensava: « Minha terra tem primores / que tais não encontro eu cá / Não permita Deus que eu morra / sem que eu volte para lá» . Em 1889, poucos meses após a morte de Fradique, ouvi de novo alguém cantar estes versos e compreendi que tinha de regressar a Luanda. Vendi o Engenho Cajaíba, que Fradique me deixara em testamento, e embarquei com a nossa filha e uma empregada. (AGUALUSA, 2001, p. 84)

E Gabriela Santamarinha, que tem uma história de abandono, foi criada por um padre mas cresceu sem família e sem conhecer suas origens. Sua personalidade pode estar atrelada ao fato de ter tido uma vida difícil e confusa. Seus atos de violência e dominação sobre o outro são um reflexo dos sentimentos que ela tem a respeito de sua história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é uma forma de trazer reflexões a respeito das problemáticas que existem em nossa sociedade. Os livros de literatura africana têm sido fundamentais para a revisão dessas histórias, pois há lacunas nas histórias que precisam de uma releitura para que nossa sociedade possa se conscientizar a respeito do racismo, sexismo e todo sistema eurocêntrico que há em nosso meio.

Discussões a respeito da descolonialidade são de suma importância para que possamos desconstruir a estrutura e as práticas que herdamos no processo de colonização.

A obra de José Eduardo Agualusa mostra a importância da análise das identidades que transitaram pelo Atlântico e tornaram-se híbridas devido ao encontro de pessoas com as mais diversas culturas, costumes e línguas. Os acessos a outras formas de culturas fazem com que as pessoas se identifiquem com mais de uma cultura formando assim uma identidade fluída e transitória.

Durante todo processo de pesquisa houve um delineamento da ficção com a história, construindo assim juntamente com os conceitos de Linda Hutcheon uma revisão historiográfica.

Em *Nação*, um romance pós-moderno, foi feita a análise de personagens marginalizados como Gabriela Santamatinha e Carpo, que apesar de não serem os personagens principais contribuem ricamente na obra. Portanto, os conceitos de Linda Hutcheon foram importantes para que fosse possível explorar as representações desses ex-cêntricos.

Na obra também foi possível analisar as questões de gênero em mulheres como Ana Olímpia e Gabriela Santamarinha, duas mulheres que foram vítimas de uma sociedade racista, machista e sexista, mas cada uma agiu de forma diferente.

Os debates das questões de gênero sempre foram importantes para que eu pudesse me transformar e ser quem eu queria ser, pois, como mulher, negra e periférica sofri várias vezes os julgamentos de uma sociedade que impede que as mulheres sejam livres.

Em *Nação* analisamos as descontrações dos pensamentos eurocêntricos de Fradique Mendes, o viajante branco, europeu e rico ao pisar em terras africanas descobre que a verdadeira riqueza de Portugal é feita a partir da venda da humanidade e a exploração de pessoas através do trabalho forçado. Portanto, com a pesquisa para esse trabalho de conclusão de curso, chego à conclusão de que a sociedade precisa de mais debates a respeito das construções indenitárias, sexismo, racismo e a história do colonialismo. Nossa sociedade anda a passos lentos para acabar de vez com essas ações de uma sociedade que segue os padrões eurocêntricos.

Entendo através dessa pesquisa que são de suma importância esses temas. O racismo da qual fui vítimas por duas vezes me faz entender que por mais que eu tenha a pele mais clara não estou isenta de sofrer os preconceitos da sociedade. Nossos corpos hipersexualizados, nossos cabelos crespos que incomodam por seu poder e o sofrimento por ser preterida, de todas essas mazelas dos

preconceitos enraizados em nossa sociedade eu fui vítima e, como pesquisadora, posso contribuir com esse trabalho para que os estigmas racistas e sexistas sejam excluídos de vez em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

AGUALUSA, José Eduardo. Em conversa exclusiva com o JC, José Eduardo Agualusa fala sobre novo romance. *Jornal do Comércio*: 19 jul. 2015b. Entrevista concedida a Adriana Victor. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2015/07/19/em-conversa-exclusiva-com-o-jc-jose-eduardo-agualusa-falasobre-novo-romance-190910.php>. Acesso em: 05 setembro. 2022

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SOVIK, L. Apresentação. In: HALL, S. *Da diáspora – identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

FONSECA, D. J. *Políticas Públicas e ações afirmativas*. São Paulo: Selo Negro, 2009.